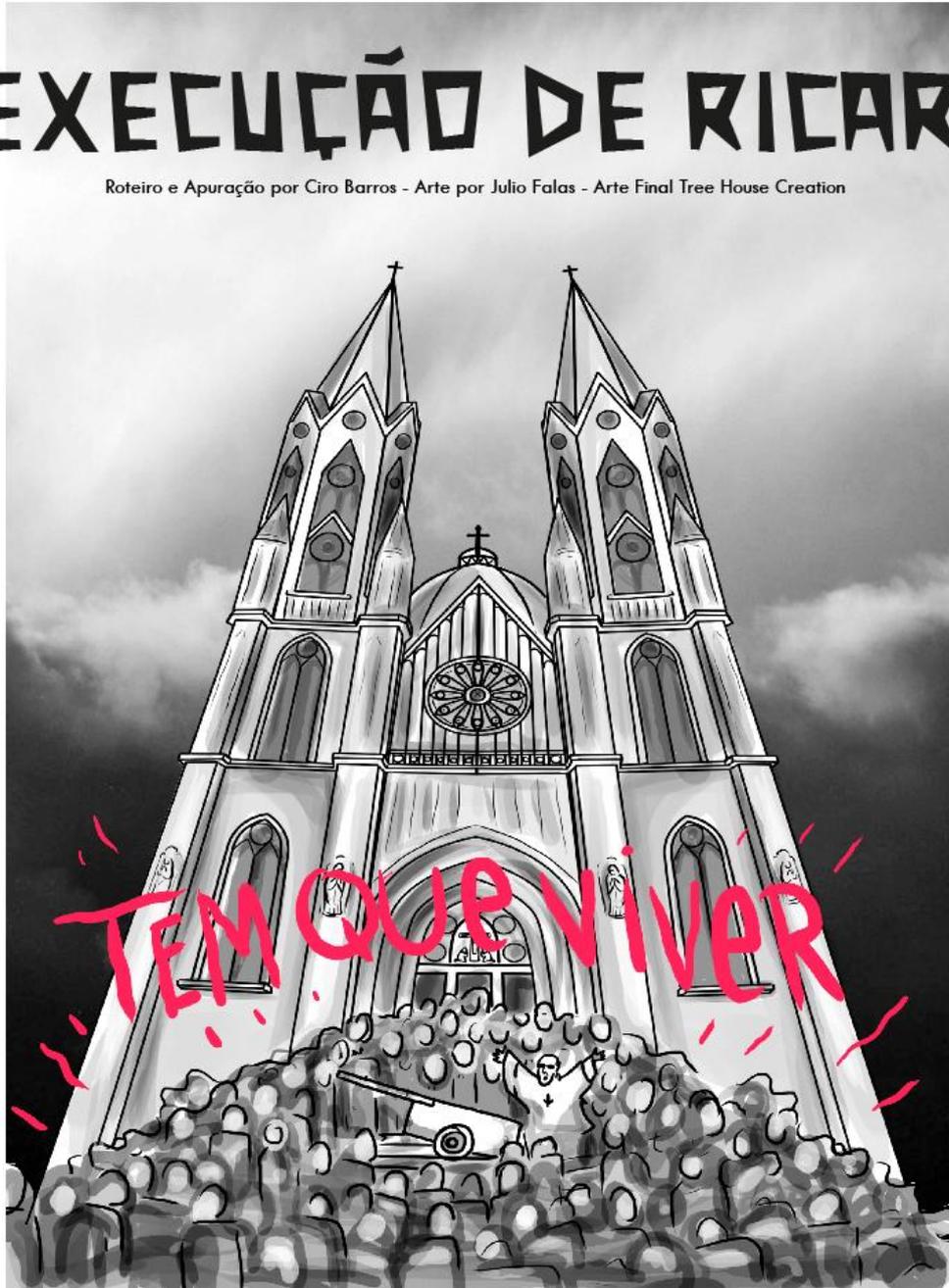


Publica

A EXECUÇÃO DE RICARDO

Roteiro e Apuração por Ciro Barros - Arte por Julio Falas - Arte Final Tree House Creation



19 de julho de 2017

Carroceiros, pessoas em situação de rua, movimentos sociais, artistas e membros da Pastoral do Povo de Rua se unem para protestar contra a morte do carroceiro Ricardo Nascimento em sua missa de sétimo dia, na Catedral da Sé, centro de São Paulo.



Ricardo Nascimento, 39 anos, foi morto após se envolver em uma discussão com o soldado da PM José Marques Madalhano, que fazia patrulha a pé. O caso aconteceu na rua Mourato Coelho, em Pinheiros, zona oeste de São Paulo.



Dois dias antes, segundo relatos colhidos pela Pública, o mesmo policial havia discutido com Ricardo e o levado ao 14º Distrito Policial (DP). Madalhano negou conhecer Ricardo em depoimento posterior ao Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP).

"Esse policial queria mostrar serviço. Vinha dando dura nos funcionários dos comércios daqui e dois dias antes já tinha levado o Ricardo pro DP porque ele tava sem RG", conta um comerciante local.





Ricardo se exaltava quando via policiais e seguranças. Seus colegas carroceiros atribuem esse comportamento a episódios de violência anteriores. O mais marcante ocorreu nos arredores da Escola Estadual Fernão Dias Paes, quando Ricardo teve seus pertences incendiados por membros da Guarda Civil Metropolitana.



O soldado Madalhano deu três tiros em Ricardo: dois no peito e um na cabeça. Testemunhas presenciaram a ação e algumas filmaram o episódio. Gilvan Artur Leal, morador de rua conhecido como "Piauí", foi uma das testemunhas. Ele disse ter sido agredido e ameaçado pelos PMs após os disparos em Ricardo. O policial afirmou que "para se defender, foi obrigado a atirar" em Ricardo.

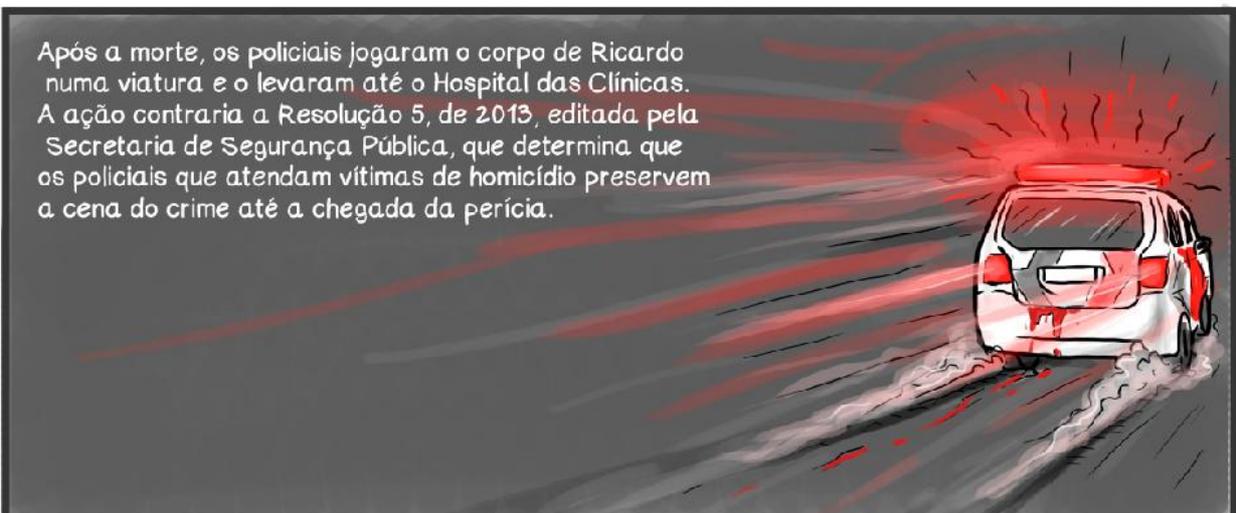


Relatos dão conta de que a cena do crime foi alterada. "Ficou claro que os policiais mexeram descaradamente na cena do crime", afirma o ouvidor das Polícias, Júlio César Fernandes Neves, que visitou o local logo após a morte.

“Eu estive lá na hora com um cidadão que tinha filmado tudo com um celular. Ele me relatou que os policiais tiraram na marra o celular das mãos dele e o jogaram numa parede, rasgando sua mão”, continua o ouvidor.



Após a morte, os policiais jogaram o corpo de Ricardo numa viatura e o levaram até o Hospital das Clínicas. A ação contraria a Resolução 5, de 2013, editada pela Secretaria de Segurança Pública, que determina que os policiais que atendam vítimas de homicídio preservem a cena do crime até a chegada da perícia.





Evento de 5 anos do projeto "Pimp My Carroça", três dias após a morte de Ricardo.

"Conheço o Ricardo Negão faz quatro anos, era batallador, tinha três carroças sempre cheias do que as pessoas ainda chamam de lixo. Ele era generoso com os amigos e oferecia o pouco que tinha. Cheguei a convidá-lo mais de uma vez para participar do Pimp My Carroça, mas ele me dizia que queria ficar invisível, pois tinha medo de chamar atenção da polícia. Mais uma vez a PM demonstra o genocídio da população pobre e negra nesse país."

Mundano [Evento do "Pimp My Carroça"]

"O mano era mil grau, pô. Ele falava pra eu parar de usar droga e pra ir trabalhar com ele na reciclagem. Eu uso droga faz tempo, tá acabando com a minha vida. E ele sempre dizia pra eu arrumar uma carroça pra gente trabalhar junto. Me dava um ânimo pra eu sair da rua e conseguir me estabelecer. Sempre vi ele pra cima e pra baixo trampando, atrás da reciclagem dele e sempre me dando um apoio. Todo mundo gostava dele."

R.R. [prefere não se identificar], morador de rua da região de Pinheiros

"Conheci o Ricardo há uns 12 anos. Nas antigas, ele dormia ali perto do cinema na Fradique Coutinho. Começou catando reciclagem com um carrinho de supermercado. Ele foi trabalhando todos os dias de segunda a segunda e conseguiu ter três carroças, conseguiu ter o dinheiro dele. Nunca vi ele reclamando de nada. Ele era um cara tranqüilo, na dele. Não arrumava problema com ninguém. Falava sozinho, gritava com ele mesmo. Mas era o jeito dele viver."

Marcelo Cardoso Santana, catador de materiais recicláveis

"Conheci ele há sete anos, desde que eu trabalho aqui. Ele era um amigo, um cara superlegal e um trabalhador. O mal dele é que detestava polícia. Não podia ver um polícia que já tava xingando. Foi preso algumas vezes e me disse que apanhou da polícia. Mas trabalhava sempre, não mexia com ninguém, não. Ele nunca pediu nada pra ninguém. Em sete anos que eu o conheci, nunca vi ele pedindo. Muitas vezes ele tava comendo e vinha me oferecer comida."

Jurandir dos Santos, segurança da Mourato Coelho

"Conheci o Ricardo há sete anos. Ele trabalhava muito e nunca pediu nada pra ninguém. Se você oferecesse, ele não aceitava. Ele tinha o orgulho dele. Ele não pedia e não aceitava. Todo mundo conhecia e gostava muito dele aqui nas lojas. Ele vinha sempre pegar reciclagem aqui nas lojas, brincava com todo mundo, trabalhava bem. Se você rodar por aí, só vai ouvir coisa boa a respeito dele."

LL. [prefere não se identificar], dono de restaurante

"Nós tínhamos o Ricardo como um vizinho nosso. Um rapaz trabalhador, dedicado, querido por todos nós em Pinheiros. Prestamos nossa homenagem ao Ricardo. Ele sempre foi uma pessoa muito cordial, muito querida por todos nós."

Ana Cristina Domenigueti, advogada, durante a missa de sétimo dia

Osasco, anos 1990



“Enquanto ele morava comigo, ele foi trabalhar em algumas lojas em Pinheiros. A gente morava em Osasco e ia junto pra Pinheiros. Às vezes ele me acompanhava pro serviço”, diz Aristides Santana, mãe de Ricardo, que há 30 anos trabalha como empregada doméstica no bairro em que o filho foi morto. Eles moraram juntos até Ricardo completar 19 anos.



“Ele trabalhou em uma loja de tecidos”

“Em uma lojinha de 1,99”

“Chegou a ser gerente de um Pão de Açúcar da Teodoro Sampaio. E trabalhou em outro mercado na Capote Valente”, conta Aristides.



Como Ricardo foi parar na rua é controverso. Alguns dizem que foi por conta de transtornos psicológicos. Outros, como sua própria mãe e um ex-padrão, dizem que ele decidiu largar os empregos convencionais e se tornar carroceiro.

Episódios de violência contra pessoas em situação de rua são frequentes no Brasil. Em 2013, o Centro de Defesa e Proteção dos Direitos Humanos para a População de Rua e Catadores de Material Reciclável (CDDH) contabilizou 165 mortes, 66 lesões corporais e 35 tentativas de homicídio em todo o país.

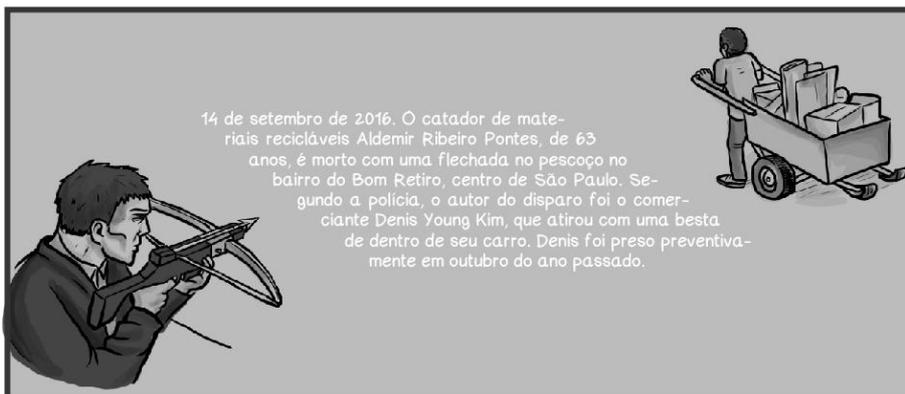
Em São Paulo, cerca de 16 mil pessoas vivem nas ruas, segundo a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe). E não são poucos os casos de violência contra essa população. Muitos casos permanecem impunes.



Agosto de 2004. Sete moradores em situação de rua foram mortos e outros oito ficaram feridos após uma série de ataques a pauladas na escadaria da Catedral da Sé. Os autores do crime nunca foram identificados. Dois policiais militares e um segurança particular foram presos preventivamente, mas foram liberados por falta de provas. As investigações revelaram que o objetivo dos ataques foi silenciar os moradores em situação de rua que sabiam do envolvimento de policiais com os traficantes do centro de São Paulo.



11 de maio de 2010. Outros seis moradores de rua foram mortos a tiros embaixo de um viaduto na Rodovia Fernão Dias, na divisa entre São Paulo e Guarulhos. Segundo uma testemunha, quatro homens em duas motos dispararam contra os moradores durante a madrugada. O crime permanece impune.



14 de setembro de 2016. O catador de materiais recicláveis Aldemir Ribeiro Pontes, de 63 anos, é morto com uma flechada no pescoço no bairro do Bom Retiro, centro de São Paulo. Segundo a polícia, o autor do disparo foi o comerciante Denis Young Kim, que atirou com uma besta de dentro de seu carro. Denis foi preso preventivamente em outubro do ano passado.



3 de maio de 2017. Dois guardas civis metropolitanos abordam violentamente o morador de rua Samir Ahmad, de 40 anos, nos arredores do metrô Conceição, em São Paulo. No dia seguinte às agressões, Samir começaria a trabalhar como servente de pedreiro, mas teve o punho quebrado pela GCM. Seus pertences foram levados pelos guardas, posteriormente afastados. Todo o episódio foi flagrado em vídeo.

Nota Oficial

A Secretaria de Segurança Pública informou à Pública que os policiais envolvidos na ocorrência que resultou na morte de Ricardo Nascimento foram “remanejados a serviços administrativos” e “afastados do trabalho nas ruas”. O órgão informou que há dois inquéritos abertos para apurar as circunstâncias dos fatos.



O prazo inicial para a conclusão dos inquéritos é de 30 dias após o início das investigações, que começaram em 13 de julho.

www.apublica.org

